



## HOMILIA DA MISSA DE QUINTA-FEIRA, 19 DE JULHO

### 4º DIA: «ARREPENDIMENTO»

**Monsenhor Monseigneur Éric de Moulins-Beaufort**

**Évêque auxiliaire de Paris**

Muito provavelmente, irmãos e irmãs, cada um de vós está empenhado em dar o melhor de si na sua vida e cada casal procura fazer frutificar o melhor possível a graça do sacramento do matrimónio, tal como eu, no que me toca, me esforço por viver o meu sacerdócio de acordo com o que Deus espera. Procuramos viver de acordo com o Senhor. Foi por isso que escolhemos entrar nas Equipas de Nossa Senhora e é por isso que aí permanecemos apesar das dificuldades: para sermos ajudados, estimulados, encorajados, nas nossas escolhas e nas nossas recusas. No entanto, mesmo que vivamos assim, como bem o sabemos e como ao longo do dia de hoje fomos ajudados a disso tomar uma melhor consciência, não podemos esperar que tudo em nós seja agradável a Deus; não podemos ter a certeza de que todas e cada uma das nossas escolhas seja motivada pela caridade, marcada pelo selo da renúncia a nós mesmos, purificada de toda a ira ou ciúme.

Ao longo dos dias, muitas coisas ocupam os nossos corações, muitos movimentos agitam as nossas almas. Não podemos estar conscientes de tudo nem controlar tudo; por vezes damos por nós a ser arrastados lá para onde não teríamos querido ir. Também, por vezes, uma conversa, uma leitura, uma meditação, uma homilia, uma reflexão espiritual, fazem-nos ter consciência de que, num dado domínio da nossa vida em que pensávamos viver bem ou em que julgávamos não haver problemas espirituais, na realidade nos afastávamos do Senhor, faltávamos à graça do Senhor, poderíamos ou deveríamos agir de outra maneira. Subitamente, sem darmos conta disso, descobrimos ter errado ou perdido tempo, mas não totalmente sem uma certa cegueira voluntária ou uma surdez consentida.

Não podemos ser perfeitos, se é que a perfeição, para nós cristãos, deva ser parecida com a perfeição dos gases perfeitos ou com a limpidez da água destilada. A atitude essencial é o acolhimento da palavra do Senhor que acaba de nos ser proclamada esta noite: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos». Pelo contrário, o pior seria que nos auto justificássemos, que inventássemos razões para nos mantermos num estado ou numa forma de agir, apesar das alertas que tenhamos recebido. O caminho que o Senhor nos levou a seguir pode parecer-nos árduo, muito exigente para as nossas pobres forças, mas, na realidade, antes de tudo o mais, o que o Senhor espera de nós é que ousemos aproximarmo-nos dele com o nosso fardo, que renunciemos ao orgulho e que nos confiemos à sua graça.

O profeta Isaías fez-nos ouvir uma meditação que não é verdadeiramente cartesiana sobre a forma como o homem caminha sob o olhar de Deus. «O caminho do justo é reto»: tanto melhor! Ao refletir um pouco sobre isto, vejo que umas vezes o meu caminho é reto e outras vezes é menos do que eu pensava e não sei como poderia ter feito melhor. Mas o profeta continua logo a seguir: «é o Senhor quem prepara o caminho do justo». No fundo, não se trata apenas de o justo seguir um caminho reto e que isso seja agradável ao Senhor; o que é fundamental é sobretudo que o



caminho do justo é reto porque é o Senhor que o prepara sem cessar. O caminho do justo é reto porque o Senhor trabalha secretamente sem cessar para suavizar, endireitar, aplinar, reordenar o caminho que percorre aquele que será proclamado justo. O segredo é revelado um pouco mais adiante: «porque quando exerces sobre a terra os teus julgamentos, os habitantes do mundo aprendem a justiça. Senhor, dá-nos a paz, porque és Tu que realizas todos os nossos empreendimentos». Deus não está fora das nossas vidas, acima ou à frente, olhando a partir da linha da meta a forma como caminhamos, felicitando os que seguem um caminho reto e troçando dos que se perdem. Deus está em nós, endireitando, ultrapassando, corrigindo, recolocando nocaminhoos que tropeçam.

O profeta chega ao ponto de exprimir com uma radicalidade chocante o estado da humanidade: «Nós concebemos, sofremos dores de parto, e o que demos à luz foi vento». É uma imagem forte, diria mesmo esplêndida. O que é que se passa nesta história? A humanidade dá-se à luz a si mesma. Ó, nós os modernos, gostamos de nos compreender assim. Damos à luz um mundo novo. Mas o profeta dececiona-nos: «O que demos à luz foi vento». As nossas sociedades ocidentais sofisticadas têm a pretensão de gerar um mundo cada vez melhor, cada vez mais seguro, cada vez mais pacífico, onde são eliminadas, sempre que possível, as causas de sofrimentos. Vejamos alguns exemplos. O compromisso do matrimónio tornava um dado homem e uma dada mulher prisioneiros um do outro, agarrados à força a uma jangada em perigo; as nossas sociedades desenvolveram sistemas jurídicos que permitem que se separem como bons amigos e que repartam do início sem arrastar atrás de si nada das falhas anteriores. Alguns casais não conseguem ter filhos: as nossas sociedades sofisticadas desenvolvem procedimentos técnicos seguros e toda uma engenharia jurídica que lhes permitem encontrar crianças sem lesar ninguém nem criar nos que seriam assim concebidos o menor trauma ou, então, desenvolvendo prontamente os mecanismos com que se pretenderia absorver esses traumas. As relações homem-mulher foram ao longo da história relações de dominação e de submissão: as nossas sociedades sofisticadas pretendem permitir ao homem e à mulher viver as mesmas experiências tanto quanto eles e elas o pretenderem fazer, impondo pela lei e pelo controlo social a absoluta igualdade de todos e de cada um. Há famílias que são esmagadas pelas complicações de um idoso em fim de vida: alguns, nas nossas sociedades sofisticadas, orgulham-se de poder organizar a morte destes com a maior liberdade e limpidez, sem a menor ambiguidade, sem desordens morais...

Nós, cristãos, preferimos acreditar que Deus, o Deus criador, tem piedade de nós e que se aproxima de nós. Vem repetir os nossos atos sempre imperfeitos para lhes remediar as falhas, as faltas de jeito e até mesmo os defeitos escondidos que os tornam inaptos para dar frutos. Pois alguns de nossos atos são como um copo com uma falha: tem toda a aparência de um copo sólido, mas estilhaça-se ao menor golpe. Ele, o Senhor Jesus, repete tudo para si. Ele pode consolar os que são afligidos pela insuficiência dos nossos atos, pode levar até ao fim o que as nossas boas intenções esboçaram sem lhes conseguir dar verdadeiramente forma. Nós, irmãos e irmãs, não temos ilusão de criar um mundo ideal, realizar atos humanos perfeitos. Nós, cristãos, ousamos reconhecer que, nas nossas próprias relações conjugais ou familiares, as nossas boas intenções não nos impedem de ferir este ou aquele, de complicar a vida de um outro, sobretudo de dececionar aquela esperança, mas esta constatação não nos desencoraja porque sabemos que podemos colocar tudo nas mãos de Jesus, porque sabemos que o amor de uns pelos outros é trazido de volta, entrelaçado, aquecido, arrebatado, num amor maior e mais original, o de Deus por nós tal



**Rassemblement International – International Gathering – Encuentro Internacional -  
Encontro Internacional – Raduno Internazionale**

**Fátima 2018**

Equipes Notre-Dame

**16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio**

---

como se manifesta em cada um de nós e em cada um daqueles que encontramos no coração de Jesus, aberto a todos e a cada um.

Esta noite, ao fim de uma jornada em que pudemos olhar para o nosso pecado à doce luz do perdão de Deus, celebramos a Eucaristia. É o coração de Cristo aberto para nós, de braços abertos para nos levar de volta para ele. Avançamos para ele, com os nossos fardos e os nossos endurecimentos, confiantes em que o «seu orvalho fará renascer os que não passavam de sombras».

Ámen